

CONFIANÇA E EMPREENDIMENTO EM ORGANIZAÇÃO DE PRODUTORES RURAIS¹

Elaine Mendonça Bernardes²,
Luís Alberto Ambrósio³

RESUMO: A literatura sugere relevância da confiança institucional para o empreendedorismo. Por outro lado, participar de associações é importante para empreendedores rurais. Esses fatos dão suporte à hipótese geral de correlação entre confiança nas instituições e empreendedorismo. O trabalho analisou confiança nas instituições e nas pessoas. Aplicaram-se questionários, elaborados a partir do "World Values Surveys", com respostas quantificadas na escala Likert, em amostra de participantes de uma associação de produtores rurais. Analisou-se a correlação linear de Pearson entre cada variável indicadora de empreendedorismo e as variáveis de confiança nas diferentes instituições. Interpretaram-se os coeficientes de correlação significativos a 10% de probabilidade. Os resultados indicaram ambiente de baixa confiança social, existência de empreendedorismo e correlação entre indicadores de empreendedorismo e confiança em determinadas instituições. Conclui-se que os resultados corroboram a hipótese para a associação analisada. Para maior consistência, é fundamental avaliar maior número de organizações.

Palavras-chave: organizações rurais, comportamento empreendedor, associativismo.

TRUST AND ENTREPRENEURSHIP IN RURAL PRODUCERS' ORGANIZATIONS

ABSTRACT: The literature suggests relevance of institutional trust for entrepreneurship. Furthermore, participation in associations is important for rural entrepreneurs. These facts support the general hypothesis of correlation between social trust and entrepreneurial behavior. We analyzed trust in both institutions and people by applying questionnaires based on the World Values Surveys on a sample of rural producers' organization, with responses quantified on the Likert scale. Next, we determined the Pearson linear correlation between each entrepreneurship indicator variable and variables of trust in different institutions. The interpretation of the significant correlation coefficients was using 10% as a significance level. Results indicated an environment of low level of social trust, the existence of entrepreneurship, and a correlation between entrepreneurship and trust indicators in some institutions. Results corroborate the hypothesis for the studied rural producers' association. A larger number of organizations is required to achieve greater consistency.

Key-words: rural organizations, entrepreneurial behavior, associativismo.

JEL Classification: Q130, Q190, Z1.

¹Os autores agradecem à Fundunesp pelo apoio financeiro parcial ao projeto. Registrado no CCTC, REA-21/2017.

²Engenheira Agrônoma, Doutora, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Agrárias e Tecnológicas, Dracena, SP, Brasil (e-mail: elaine.mendonca-bernardes@unesp.br).

³Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico, Instituto de Zootecnia, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: ambrozio@iz.sp.gov.br).

1 - INTRODUÇÃO

A confiança social, a partir de Putnam (1993), ganhou destaque nos estudos de desenvolvimento e, mais recentemente, em análise de empreendedorismo. Putnam retomou o conceito de capital social encontrado em Coleman (1990), para o qual capital social é produtivo, tornando-s possível atingir certas finalidades que não seriam atingíveis na sua ausência. Na literatura, capital social também é apresentado em categorias específicas (LI; PICKLES; SAVAGE, 2003; SABATINI, 2009). Os determinantes sociais das dimensões podem ser explorados e seus impactos relativos sobre confiança social podem ser diferenciados (LI; PICKLES; SAVAGE, 2003, p. 2). Por outro lado, que relação a confiança social teria sobre o comportamento empreendedor é questão recentemente colocada na literatura. Além de analisar a confiança social, este estudo pretendeu relacioná-la a características empreendedoras. Por hipótese, haveria correlação entre confiança nas instituições e empreendedorismo.

Para Sabatini (2009), a confiança foi entendida como resultante do capital social, e não como constituinte. Encontrou um indicador para expressar a força dos laços familiares, mas ele não levava em conta a qualidade dos laços. Além da dimensão familiar, analisou o capital social na forma de redes de laços fracos, de organizações voluntárias, de participação política e de consciência política. Ressalta-se que encontrou forte correlação entre laços familiares fortes e o escasso interesse em questões políticas e coletivas. Esse aspecto sugere que incluir ambos (laços fortes e interesse em questões políticas) sob o título de dimensões de capital social ainda não é uma questão fechada.

Para o Brasil, valores apresentados por Knack e Keefer (1997) para o indicador de confiança indicam o último lugar na classificação, entre 29 países. Tais autores utilizaram indicadores de confiança e normas cívicas do World Values Surveys. É de se esperar que o Brasil não apresente uniformidade nesse indicador. No meio rural, é possível que o baixo grau de confiança esteja relacionado a dificuldades enfrentadas por organizações de produtores. Isso porque o desempenho prático das instituições é moldado pelo contexto

social no qual operam. Por outro lado, a confiança teria influência também no comportamento empreendedor, conforme literatura recente. Dessa forma, o objetivo geral deste estudo, de caráter exploratório, foi analisar a confiança social e institucional e relacioná-las a empreendedorismo no meio rural.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No estudo de Caliendo, Fossen e Kritikos (2012), o comportamento participativo é influenciado pela confiança. Apesar de se tratar de variável altamente proeminente em economia experimental, ressaltam tais autores que há poucos testes empíricos que avaliem a extensão na qual disposição para confiança e reciprocidade influenciam o resultado econômico no mundo real. Tais autores examinaram questões sobre traços individuais específicos, como a disposição em confiar nas pessoas e a reciprocidade em relação aos outros, e a relação com a probabilidade de serem, de se tornarem e de permanecerem empreendedores.

Ser apto a confiar em outras pessoas, de acordo com Caliendo, Fossen e Kritikos (2012), é um importante pré-requisito para realizar negócios, especialmente os novos, e quando o ambiente legal nos negócios não está completamente estabelecido (por exemplo, em termos de contrato). No contexto de empreendedorismo, a confiança relaciona-se com questões sobre o quanto os empreendedores acreditam que eles podem confiar com os outros e “contar com eles”. Os resultados dos autores mencionados forneceram evidências de que empreendedores são mais confiantes que empregados (e muito menos que gerentes) e que confiança, significativamente, influencia a probabilidade de vir-se a gerar o próprio emprego. Além disso, estar ciente das consequências negativas da confiança incondicional (que leva à exploração por parte de quem detém a posição de confiável) aumenta a probabilidade de terem o próprio negócio. O estudo abre uma linha de análise que torna necessário sintetizar a literatura sobre empreendedorismo.

A criação de novos negócios ou organizações é típica do empreendedor. Para Schumpeter (1997), novas combinações costumam implicar em novas empresas e, sob concorrência, eliminação das antigas. Para Schumpeter, “empreendedorismo” é a realização de combinações novas, e empresário aquele cuja função é realizá-las. Nesse sentido, inclui todos aqueles que preenchem a função que definem o conceito. A realização de combinações novas é que constitui o empresário. É necessário o comando sobre os meios de produção empregados, mas não é condição necessária que a realização de novas combinações signifique emprego de meios de produção não utilizados. O tipo empresarial de liderança “conduz” os meios de produção para novos canais. Só deve convencer ao banqueiro – o produtor da mercadoria “poder de compra” – para financiá-lo, não a outras pessoas. O empresário de Schumpeter lidera, contra sua vontade, seus concorrentes. É uma liderança “sem a glória de outros tipos de liderança social”. Sobre os motivos característicos de conduta do empresário, afirma não serem hedonistas e discute as razões. Três motivos são apresentados: 1) desejo de fundar um reino privado; 2) desejo de conquistar; e 3) alegria de criar, fazer (SCHUMPETER, 1997).

Schumpeter (1997) descarta a concepção do empresário como aquele que corre risco, papel que ele atribuiu ao banqueiro. O empresário tem iniciativa, é individualista e autossuficiente, mas busca sustentação em todas as frentes. Sua conduta pauta-se no sentido do sucesso, da conquista de um lugar de destaque social, predominando sempre a racionalidade. Suas decisões saem da rotina. Sua natureza e atividades são condicionadas pelo ambiente sociocultural em que vive e trabalha. Para realizar sua função e impulsionar o desenvolvimento econômico, ele necessita de um pacote de inovações tecnológicas ainda não utilizadas e aptas a serem postas em prática, e de linhas de crédito de curto e longo prazo para que possa transformar capital em meios de produção, adotar novos métodos e gerar novos produtos (SOUZA, 2007, p. 126-129). A literatura recente menciona risco calculado, ou ainda a capacidade de enxergar a oportunidade, apesar do risco.

Ainda sobre Schumpeter, destaca-se em sua análise tanto a presença do aspecto individual, quanto o das instituições. Em relação ao primeiro, Schumpeter afirma que empresários são um tipo especial, que

a realização de combinações novas é ainda uma função especial, e o privilégio de um tipo de pessoa que é muito menos numeroso do que todos os que têm a possibilidade “objetiva” de fazê-lo (SCHUMPETER, 1997, p. 88-89).

Já as instituições são fatores de produção da função de produção Schumpeteriana (SOUZA, 2007).

Os aspectos do indivíduo empreendedor são abordados na literatura. Para Gartner (1988), o que diferencia empreendedores de não empreendedores é o fato de que os primeiros criam organizações e os outros não, enquanto para Shane e Venkataraman (2000) começar um negócio é uma definição insuficiente. Para estes últimos autores, a definição é questionável, uma vez que diferentes indivíduos têm acesso a oportunidades em graus variados de qualidade. Para tais autores, há necessidade de delimitar, de forma cada vez mais clara, aspectos individuais que possam estar relacionados ao comportamento empreendedor. Nesse sentido, a noção de *locus de controle* (entendida, de acordo com Maciel e Camargo (2010) como crença do indivíduo em relação a porção de controle de seu próprio destino) está entre as características da personalidade, analisadas na literatura, como preditora de comportamento empreendedor.

Cooper e Dunkelberg (1986), citados por Maciel e Camargo (2010), reconhecem que o proprietário de um pequeno negócio pode ser ou não um empreendedor e argumentam em favor do uso da noção de “graus de empreendedorismo”. A partir dessa discussão, Maciel e Camargo (2010) salientam que, ao adotar esse raciocínio, é necessário que o pesquisador focalize principalmente as atividades estratégicas (comportamento) envolvidas na estruturação daquilo que se toma sob o rótulo de empreendedorismo ou comportamento empreendedor. Feitas essas considerações, para tais autores o comportamento empreendedor pode ser pensado de uma perspectiva que contemple comportamento da firma. Essa linha de aná-

lise (comportamento da firma) foge ao escopo do presente estudo, que é voltado a investigar confiança em instituições e possível relação entre empreendedorismo, em organização rural.

Abordagens comportamentais e de traços e características de personalidade estão presentes na literatura, mas a discussão ainda está aberta. Empreendedores bem-sucedidos têm sido caracterizados como indivíduos que detectam e exploram oportunidades, tomam decisões sob incerteza, têm disposição para o trabalho, direcionados a objetivos, correm riscos e desempenham ampla gama de tarefas no trabalho. De acordo com Viinikainen et al. (2017), há estudos que identificaram características associadas à probabilidade de ser um empreendedor de sucesso (e incluem necessidade de realização e autonomia, capacidade de inovar, personalidade proativa, tolerância ao *stress* e *locus* de controle interno).

De acordo com Maciel e Camargo (2010), a literatura apresenta novos questionamentos quanto ao papel dos atributos da personalidade dos empreendedores. O conceito de *locus* de controle teria então, segundo tais autores, assumido importância central nessa área de pesquisa. Eles associaram comportamento empreendedor, *locus* de controle e desempenho. Observaram que empreendedores que atribuem o sucesso nos negócios à questão da sorte apresentaram desempenho inferior em relação à média de desempenho da amostra como um todo. Também foi confirmado que o *locus* interno de controle influenciou o comportamento empreendedor. E ainda, um *locus* interno de controle conduz a comportamentos empreendedores e, dessa forma, parece potencializar os efeitos desse comportamento sobre o desempenho. Este é um ponto carente de análises no meio rural e o presente estudo pode contribuir para esse debate.

No estudo de Caliendo, Fossen e Kritikos (2012), produtores rurais foram excluídos da análise. Os dados provinham do painel socioeconômico alemão (SOEP) de 2003, 2005 e 2008. No levantamento de 2005, havia questões sobre reciprocidade e influência dessa variável nas decisões sobre entrar no empreendimento e sair dele. Excluíram, dentre outros, produtores rurais, por entenderem que eles (assim como

quem trabalha para negócio da própria família) não são empreendedores, no sentido de não estarem conduzindo os próprios negócios. É uma visão restrita de empreendedorismo, e a literatura mais recente não a coloca como condição necessária, conforme o já citado trabalho de Shane e Venkataraman (2000). Quanto à família, há relatos de que um histórico de família empreendedora pode despertar o interesse por empreender, como detectado por Altinay et al. (2012), que analisaram gestão hospitalar.

Em Caliendo, Fossen e Kritikos (2012), confiança foi medida pela disposição em acreditar nos outros e pela avaliação do mesmo indivíduo sobre a lealdade de outros. No contexto de empreendedorismo, segundo os autores mencionados, confiança seria uma característica relacionada a questões sobre a extensão com que empreendedores acreditam que podem confiar e “contar” com outros.

No presente estudo, formulou-se a hipótese de existência de relação entre a confiança e o empreendedorismo em associação de produtores rurais. Para testar esta hipótese, foram analisados os aspectos sobre confiança social dos associados de uma associação de produtores do interior do Estado de São Paulo, e investigou-se a relação entre confiança em instituições e algumas características e valores compatíveis com o empreendedorismo, tomando por base a literatura revisada. Os objetivos específicos foram: a) pesquisar dados relacionados à confiança social em instituições; b) analisar questões referentes a valores e características empreendedoras; e c) analisar as correlações entre as variáveis obtidas em (a) e as obtidas em (b).

3 - METODOLOGIA

A organização rural analisada na pesquisa foi a Associação de Fruticultores de Vera Cruz (Afruvec), SP, cuja fundação, ocorrida em 1993, foi resultado de trabalho conjunto realizado por profissionais da Escola Técnica Agrícola Estadual Paulo Guerreiro Franco, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ-USP), através do Núcleo de Apoio

à Cultura e Extensão — Desenvolvimento Rural Integrado (NACE-DRI), com apoio da Fundação W. K. Kellogg, e da Casa de Agricultura de Vera Cruz (SP). O trabalho de tais instituições consistiu em sensibilizar lideranças rurais no município, visando à organização dos produtores.

Em sua fase inicial, a Afruvec possibilitou que produtores deixassem de entregar maracujá a intermediários da região, e dedicou-se a encontrar novos canais de comercialização mais eficientes. Notava-se grande interesse dos fundadores da associação pelas pesquisas conduzidas na região, tendo em vista inovações tecnológicas. A intenção inicial da Afruvec era a expansão da produção da fruticultura e discutia-se, inclusive, a viabilização de exportação. O interesse em realizar novas combinações indicava a presença de empreendedores naquele ambiente social. Esperava-se que, mesmo com a decadência da produção de maracujá na região, a associação conseguisse manter o interesse de seus associados, para buscarem alternativas e comercializarem em conjunto outros produtos, o que não ocorreu. A situação era adequada a uma investigação sobre confiança social e em instituições dos seus associados e da relação entre confiança em instituições e empreendedorismo.

3.1 - Material e Métodos

O levantamento de dados primários foi direcionado, inicialmente, a identificar os elementos da população alvo formada por produtores e profissionais que têm ou tiveram alguma relação com a Afruvec. Informações preliminares indicavam que essas pessoas residem principalmente em municípios do Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR) de Marília, grande maioria em Vera Cruz, e que a sede da Afruvec havia sido transferida para Marília. Em seguida, na amostra acessível e não probabilística, foram aplicados questionários a produtores e profissionais que atuam no setor rural da região para avaliar a confiança dos entrevistados nas pessoas em geral e em diversas instituições, bem como a presença de ca-

racterísticas e/ou valores de empreendedores. A assistência técnica a produtores era realizada, basicamente, pelos engenheiros agrônomos ligados a órgãos públicos da rede de assistência técnica. Durante um período, de cerca de dois anos, prestou serviço à Afruvec uma engenheira agrônoma que fazia seu mestrado sobre maracujá. Além da assistência desses profissionais, havia consultoria prestada por técnicos autônomos que, em muitos casos, eram também professores das faculdades de agronomia da região. Essas escolas, a Cooperativa de Cafeicultores de Vera Cruz e loja de insumos agropecuários foram fontes para viabilizar o contato com os entrevistados.

Para elaborar os questionários aplicados, partiu-se de questões utilizadas por Knack e Keefer (1997), extraídas do World Values Surveys. Os valores atribuídos às variáveis foram obtidos por meio de notas dos entrevistados em escala Likert, Phrase Completion, ou em questões com múltipla escolha, sendo computadas as frequências relativas das respostas. A escala Likert tem sido usada para medir atitudes no contexto de ciências comportamentais e em particular no tema de empreendedorismo (CRANT, 1996, USACI, 2015, VIJAYA; KAMALANABHAN, 1998). A escala Likert é construída para cada construto de interesse do estudo e consiste de um conjunto de afirmações relacionadas ao conceito do construto, em geral abstrato, para as quais os entrevistados expressam seu grau de concordância. A escala Phrase Completion proposta por Hodge e Gillespie (2003) consiste de uma frase associada a 11 pontos de respostas, sempre de 0 a 10 na sequência dos números inteiros, em que o 0 tem associação com a ausência de atributo, enquanto o 10 tem relação com a intensidade máxima de sua presença.

As questões foram adaptadas à realidade brasileira, mas sua essência não foi alterada. Para a análise estatística descritiva dos dados e análise de correlações linear de Pearson, no nível de 10% de significância, foi utilizado o software Minitab (MINITAB INC., 2000). Os parâmetros analisados foram: média, desvio padrão, mínimo, máximo, 1o quartil, mediana e 3o quartil.

A ideia de que empreendedores criam organizações foi investigada. Em uma questão, foi solicitado a cada entrevistado dizer qual emprego preferia: i) público; ii) estatal; iii) empresa privada; iv) franquia; ou v) o próprio negócio. Entende-se que o grau de empreendedorismo aumentava, em uma escala de 1 a 5, a partir de (i).

Cinco grandes dimensões do empreendedorismo, citadas por Vecchio (2003) aparecem com frequência na literatura. São: 1) propensão a assumir risco; 2) necessidade de realização; 3) necessidade de autonomia; 4) autoeficácia; e 5) *locus* de controle. O questionário aplicado na presente pesquisa abordou 4 das dimensões apresentadas por Vecchio (2003) em questões de múltipla escolha ou em questões nas quais deveriam marcar 10 ou 0. Nestas, 10 quando o entrevistado concordasse inteiramente com a frase da direita e 0 quando concordasse inteiramente com a frase da esquerda —, podendo escolher algum número entre 0 e 10. Para aumentar a confiabilidade nas respostas, foram incluídas questões positivas (o valor zero significa ausência do atributo e o valor máximo significa a presença em maior grau do atributo) e negativas (em que o valor zero representa o maior grau do atributo). Assim, nem sempre a nota máxima representava empreendedorismo e, portanto, foram devidamente invertidas na análise de correlação.

As dimensões do empreendedor, e as respectivas questões abordadas são apresentadas a seguir, nos itens de (a) a (d).

a) Necessidade de autonomia foi investigada em uma questão ao solicitar que, supondo ser empregado, em qualquer instituição, escolhesse a alternativa que considerava preferível: vi) receber instruções (ou ordens) definitivas onde não cabe nenhum questionamento; vii) receber ordens ou instruções, mas discutilas de alguma forma com o superior; viii) receber ordens genéricas, indicando as preferências da chefia, e fazer o que julga necessário; ix) receber informações sobre as estratégias da chefia e decidir o que precisa ser feito; ou x) não receber nenhuma instrução ou ordem e fazer o que acha que precisa ser feito. Nessa questão, entende-se que o grau de empreendedorismo aumenta a partir de (vi), sendo a (vi), claramente, a

resposta do “não empreendedor”, bem como, na pergunta anterior, o são aqueles que escolheram a (i). E ainda, a questão (xiii) O Governo é o responsável pelo sustento de todos. As pessoas saudáveis devem ser responsáveis pelo seu próprio sustento.

b) A noção de *locus* de controle (crença do indivíduo em relação a porção de controle de seu próprio destino) foi abordada na questão (xi). Nela deveriam atribuir nota (de 0 a 10) para o grau de liberdade que sentem que têm sobre o que lhes acontece na vida.

c) Propensão a assumir risco, abordada em duas questões. xvi) A ousadia é uma má conselheira na hora de fazer grandes mudanças na vida. É preciso ser ousado, na hora de se fazer grandes mudanças na vida. xvii) É preferível ter um negócio próprio, a ser empregado. É preferível ter um emprego estável, a ter um negócio próprio.

d) Necessidade de realização, abordada em duas questões. xix) É melhor investir em cursos e aperfeiçoamento profissional. É melhor viajar com a família a passeio. xx) Quando o futuro já está garantido, não é necessário trabalhar mais. Mesmo quando o futuro já está garantido, o trabalho continua.

Outras questões investigaram, para complementar, a valorização do trabalho, motivação, visão otimista, comportamento não hedonista – itens que também aparecem, com frequência, na literatura sobre empreendedorismo, sejam em análise comportamental ou de traços e características da personalidade. Tais questões, dentro do caráter exploratório ao qual o estudo se propôs, são apresentadas a seguir. xii) A renda deve ser distribuída de forma absolutamente igual. A renda deve ter diferenças como incentivo ao esforço individual; xiv) A concorrência é uma coisa boa porque estimula as pessoas a trabalhar muito e a desenvolver novas ideias. A concorrência é uma coisa ruim porque desperta o que há de pior nas pessoas; xv) Só se pode ficar rico à custa dos outros. Existe riqueza no mundo para muitos ficarem ricos; xviii) é melhor investir algo que possa dar renda futura. É melhor despendar recursos em viagens de passeio.

Analisou-se a correlação linear de Pearson entre cada resposta sobre empreendedorismo (variáveis i a xx) à confiança nas diferentes instituições. Os

coeficientes de correlação são interpretados conforme escala proposta por Cohen (1988): 0,10 a 0,29 pequenos, de 0,30 a 0,49 médios e maiores que 0,5 são grandes, que, neste trabalho, indicam correlação fraca, moderada e forte, respectivamente. Na discussão a seguir, além de (xi) a (xx), também os itens de (i) a (x) serão chamados “questões”.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 84 produtores de maracujá potenciais para serem entrevistados, bem como sete engenheiros agrônomos que, em algum momento do funcionamento da associação, prestaram serviços a ela ou a associados. Quatro desses profissionais eram da assistência pública, sendo que três deles responderam ao questionário (outro não teve tempo). Três profissionais eram do setor privado. Desses, um já constava também na lista de produtores (bem como sua mãe) e, mesmo assim, se recusou a responder – por estranhar o tipo de pergunta –, o que sugere que a associação atuava em um ambiente de baixa confiança social. Incluíram-se, ainda, dois transportadores e um funcionário da Afruvec, num total de 93 nomes.

Do total de nomes obtidos, mais da metade foi encontrada pela equipe de pesquisa e 39 responderam ao questionário, o que corresponde a uma amostra acessível de 41,9% da população alvo de respondentes potenciais. Ainda nos primeiros contatos com profissionais que prestaram serviços (engenheiros agrônomos da assistência técnica e venda de insumos), foi mencionado que os produtores poderiam questionar sobre o recebimento de dívidas que a associação teria com eles (valores acima de R\$1.000,00 para cada um dos citados na entrevista, correspondentes ao não recebimento do pagamento pela entrega de maracujá). Houve até produtor que afirmou nunca ter entregado produto para a Afruvec (embora outros entrevistados o citassem dentre os associados). Para um ex-funcionário da Afruvec, que sugeriu entrevista justamente com o produtor em questão, isso ocorria porque os produtores teriam receio de “sobrar

alguma conta para eles pagarem”, como ocorreu com a Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Garça (Garcafé), cuja sede se localizava na cidade vizinha. As respostas sobre confiança serão discutidas a seguir.

4.1 - Confiança Social e Institucional na Amostra Analisada

A primeira questão procurou avaliar a “confiança social” dentre os entrevistados. Os resultados indicam uma situação de baixa confiança social. Para 13,2 % dos entrevistados, pode-se confiar nas pessoas em geral e, para 86,8%, deve-se ter bastante cuidado quando tratamos com as outras pessoas. Na literatura, ainda se discute se tal confiança seria uma dimensão do capital social ou resultante de outras dimensões de capital social. Apesar de pouca confiança social, há instituições nas quais mais da metade dos entrevistados confiam inteiramente (institutos de pesquisa e universidades públicas), ou com elevada porcentagem confiando inteiramente ou em parte (Forças Armadas e instituições religiosas) (Tabela 1).

Em termos de “não confiança”, a Afruvec só é pior avaliada do que o Congresso Nacional, partidos políticos e as organizações de luta pela terra. Nesta última, destaca-se que também ocorre uma divisão, tendo parte (20,6%) dos entrevistados que confia, e outra que não. Congresso Nacional e partidos políticos não obtiveram avaliação no grau de “confio inteiramente”. Ressalta-se que 20,5 % dos entrevistados confiavam inteiramente na Afruvec. Um dos entrevistados não respondeu à questão sobre confiança em geral nas pessoas e, assim, dentre os 38 entrevistados que responderam a ambas as questões (confiança em geral e confiança na Afruvec), apenas 1 pessoa confiava inteiramente na Afruvec e confiava nas pessoas em geral. Desses mesmos entrevistados, 31,6% não confiam na Afruvec e nem nas pessoas, mas 1 pessoa (2,6%) não confiava na Afruvec, mas confiava nas pessoas em geral.

Em uma questão sobre como as coisas são feitas no Brasil (se para atender aos interesses de poucas

Tabela 1 - Níveis de Confiança dos Associados nas Instituições Nacionais, Obtidos nas Alternativas de Respostas da Questão: “Até que Ponto Você Confia nas Instituições abaixo Relacionadas?”, EDR de Marília, Estado de São Paulo, 2010

(%)

Instituições	Confio inteiramente	Confio em parte	Sou indiferente	Confio pouco	Não confio	Correlação com Afruvec	
						r	(p)
Institutos de pesquisas	56,4	33,3	2,6	5,1	2,6	0,037	0,953
Universidades públicas	51,3	33,3	2,6	10,3	2,6	0,006	0,993
Forças Armadas	43,6	35,9	5,1	10,3	5,1	0,017	0,978
Instituições religiosas	28,2	46,2	5,1	15,4	5,1	-0,026	0,967
Organizações ecológicas	28,2	35,9	12,8	15,4	7,7	-0,152	0,808
Empresas privadas	17,9	66,7	10,3	5,1	0,0	-0,088	0,888
Imprensa escrita	17,9	64,1	2,6	12,8	2,6	-0,010	0,988
Televisão	17,9	51,3	7,7	10,3	12,8	0,135	0,828
Sistema judiciário	17,9	51,3	5,1	7,7	17,9	0,297	0,627
Universidades privadas	20,5	46,2	15,4	12,8	5,1	-0,200	0,747
Afruvec	20,5	20,5	10,3	15,4	33,3	-	-
Serviços de extensão rural	23,1	38,5	12,8	12,8	12,8	0,047	0,941
Governo estadual	12,8	41,0	0,0	28,2	17,9	0,255	0,679
Polícia	10,5	57,9	5,3	15,8	10,5	0,068	0,914
Serviços públicos	7,7	48,7	10,3	25,6	7,7	-0,144	0,817
Governo municipal	7,7	30,8	10,3	28,2	23,1	0,270	0,660
Sindicatos	7,7	33,3	5,1	23,1	30,8	0,617	0,268
Organizações de luta pela terra	10,3	10,3	0,0	20,5	59,0	0,892	0,042
Governo federal	5,1	35,9	2,6	28,2	28,2	0,466	0,429
Partidos políticos	0,0	15,4	5,1	33,3	46,2	0,632	0,253
Congresso nacional	0,0	15,4	0,0	33,3	51,3	0,706	0,183

Fonte: Dados da pesquisa.

peças ou se são feitas para atender aos interesses da população), ninguém dentre os que declararam confiar inteiramente na Afruvec optou pela primeira alternativa (interesses de poucas pessoas), o que reforça a impressão de um subgrupo com confiança nas instituições, mas não confiança generalizada. Por outro lado, houve entrevistados que questionaram até mesmo se a associação ainda existia naqueles dias, e houve quem exprimisse indignação com a condução dessa organização.

A instituição “empresas privadas” recebeu avaliação unânime em termos de não confiança, logo, nenhum associado “não confia” nela, coerentemente

com o comportamento empreendedor (geralmente descrito como otimista, alguém que enxerga as possibilidades e corre riscos calculados). A seguir, a discussão das questões que exploraram a relação confiança e empreendedorismo, na amostra analisada.

4.2 - Empreendedorismo e Confiança na Amostra Analisada

Primeiramente, serão apresentados resultados de questões que sugerem a presença de empreendedores na amostra e, em seguida, a discussão se

volta para as dimensões do empreendedorismo e confiança.

O fato de que 68,4 % dos entrevistados concordam com a afirmação “a maioria das pessoas tem chances de mudar de classe social no Brasil, através do trabalho” é condizente com trabalhos que apresentam o empreendedor como otimista, proativo e que valoriza o trabalho. As respostas poderiam ser interpretadas como ingênuas ou “viesadas” – caso as respostas para a questão sobre confiança em geral, ou sobre confiança nas instituições, tivessem sido diferentes. A recompensa pela maior produtividade foi questionada e a grande maioria (89%) a considerou justa. Houve quem lembrasse que tal aspecto teria impedimentos legais, e ainda quem não considerasse justo e sugerisse treinamento para a funcionária menos produtiva.

As respostas sobre investimento nos últimos anos (50% dos entrevistados conseguiram investir durante os últimos anos, e apenas 26,3% não ganharam sequer o suficiente, tendo gasto reservas ou contraído dívidas) reforçam a impressão da presença de empreendedores. Além disso, apenas 2,6% responderam estar mal, e nenhum muito mal de saúde; a nota média que atribuíram à própria saúde em relação à sua faixa etária foi de 8,21 com desvio padrão de 1,99. Essas quatro questões mencionadas até aqui, em conjunto, sugerem comportamento não hedonista, otimista e disposição para o trabalho.

Para a questão (xviii), cujas afirmativas eram “É melhor investir algo que possa dar renda futura. É melhor despendar recursos em viagens de passeio”, 63,2% optaram por se aproximar da primeira afirmativa (21% concordava totalmente com ela), média das respostas foi 3,42 (sendo 5,0 indicando indiferença e 10 concordância total com a segunda afirmativa). Apenas 7,8 % atribuíram notas de 8 a 10. Logo, reforça-se o comportamento não hedonista na maioria dos entrevistados.

A seguir, tabelas referentes a quatro das cinco dimensões do empreendedorismo, citadas por Vecchio (2003). Conforme consta na tabela 2, o resultado obtido na questão que avaliou o grau de liberdade que sentem que têm sobre o que lhes acontece na vida, é condizente com o perfil de empreendedor (locus de controle interno). Nela, a média foi 8,14 com desvio padrão de 1,73, o mínimo foi 5 e o máximo 10, mediana 8 e terceiro quartil 10. Assim, apesar das dificuldades típicas da produção agrícola, e particularmente da cultura do maracujá – quase extinta na região por problemas fitossanitários –, os entrevistados estavam longe de assumirem uma posição de “vítimas”.

As tabelas 3 e 4 apresentam a estatística descritiva de questões sobre emprego para investigar, respectivamente, propensão a assumir risco e necessidade de autonomia.

Tabela 2 - Estatística Descritiva das Respostas Obtidas na Questão Referente a Locus de Controle: “Algumas pessoas pensam que têm completa liberdade de escolha e controle total sobre suas próprias vidas; outras pessoas pensam que o que elas mesmas fazem não tem nenhuma influência realmente no que acontece na sua vida. Usando esta escala de 0 a 10 em que “dez” quer dizer “muito” e “zero” quer dizer “nada”, quanto de liberdade de escolha você sente que tem sobre o que acontece em sua vida”, EDR de Marília, Estado de São Paulo, 2010

Estatística descritiva das notas para escala de liberdade de escolha							Correlação com confiança na Afruvec	
Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	1º quartil	Mediana	3º quartil	r	(p)
8,14	1,73	5	10	7	8	10	0,157	0,369

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 3 - Respostas Obtidas na Questão que Investigou Propensão a Risco: “A seguir, encontram-se alguns aspectos mais importantes para alguém que está procurando um emprego. Sem levar em conta se você está ou não procurando emprego atualmente, dê uma nota 0 (se você nunca iria preferir o tipo de emprego) até 10 (se é o tipo de emprego que você mais prefere)”, EDR de Marília, Estado de São Paulo, 2010

Emprego preferido	Estatística descritiva das notas							Correlação com confiança na Afruvec	
	Média	Desvio padrão	Mín.	Máx.	1º quartil	Mediana	3º quartil	r	(p)
Um emprego público	6,6	3,5	0	10	5	8	10	0,073	0,67
Um emprego em uma estatal	6,9	3,3	0	10	5	8	10	0,026	0,879
Um emprego em uma empresa privada	7,1	3,3	0	10	5	8	10	0,178	0,292
Negócio próprio como franqueado de grande empresa	6,1	3,6	0	10	5	7	9	0,128	0,449
Próprio negócio, de forma totalmente independente	8,4	2,3	3	10	8	10	10	0,022	0,896

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 4 - Respostas Obtidas na Questão que Investigou Necessidade de Autonomia: “Se você é, ou fosse, empregado em qualquer instituição, quais alternativas considera preferíveis. Dê uma nota 0 (você nunca iria preferir a alternativa) até 10 (se é o tipo de alternativa que você mais prefere)”, EDR de Marília, Estado de São Paulo, 2010

Emprego preferido	Estatística descritiva das notas							Correlação com confiança na Afruvec	
	Média	Desvio padrão	Mín.	Máx.	1º quartil	Mediana	3º quartil	r	(p)
Receber instruções (ou ordens) definitivas onde não cabe nenhum questionamento.	2,1	3,3	0	10	0	0	3,75	0,191	0,258
Receber ordens ou instruções mas discuti-las de alguma forma com o superior.	9,4	1,4	5	10	10	10	10	-0,197	0,242
Receber ordens genéricas, indicando as preferências da chefia, e fazer o que julga necessário.	5,1	3,8	0	10	1,25	5	8,75	0,136	0,423
Receber informações sobre as estratégias da chefia e decidir o que precisa ser feito.	6,9	3,0	0	10	5	7,5	9,5	0,055	0,745
Não receber nenhuma instrução ou ordem e fazer o que acha que precisa ser feito.	4,2	3,8	0	10	0	5	8	0,103	0,544

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados na tabela 3 sugerem que os associados da Afruvec estavam, na ocasião das entrevistas, dispostos a assumir riscos (as médias para emprego no setor privado e próprio negócio foram acima de 5,0), atitude compatível com o comportamento empreendedor. Com relação à franquia, os associados pareceram desconhecer que, nessa opção, o risco esperado seria intermediário entre emprego na empresa privada e negócio próprio, e a nota que atribuíram, em média, foi inferior àquela para emprego em empresa privada. Trata-se, provavelmente, de desinformação dos associados em razão de exercerem atividades rurais. Não houve correlação entre as respostas obtidas e a confiança na Afruvec.

Quando questionados sobre o tipo de emprego (supondo que sejam os empregados), os associados atribuíram maiores notas (e menor desvio padrão) à situação de receber ordens e poder discuti-las. A segunda maior nota na tabela 4 foi atribuída a uma situação na qual há autonomia (tomar as decisões, conhecendo-se apenas as estratégias da empresa). A pior média obtida ficou com uma situação de receber ordens sem questioná-las. As respostas também não tiveram correlação com a confiança na Afruvec.

Com relação à dimensão necessidade de realização (através do trabalho), interpretou-se como presente na amostra, através da resposta (que também deixa claro a valorização do trabalho) à questão (xx), na qual deveriam atribuir 0 se concordassem inteiramente com a frase à esquerda (“quando o futuro já está garantido, não é necessário trabalhar mais”) ou 10, se concordasse inteiramente com a frase da direita (“mesmo quando o futuro já está garantido, o trabalho continua”), podendo escolher entre algum número entre 0 e 10. A grande maioria (84,2%) atribuiu nota de 7 a 10. A outra questão (xix) também apresentou respostas tendendo, ligeiramente, para a opção que reforçaria a necessidade de realização através do trabalho (“é melhor investir em cursos e aperfeiçoamento profissional/ “é melhor viajar com a família a passeio”). A média dessa foi 4,2 (e 0 era concordância total com a primeira afirmação).

A tabela 5 apresenta os resultados mais relevantes para a hipótese levantada neste estudo. Nela,

encontram-se as correlações significativas a 10%, entre cada uma das respostas referentes aos indicadores de empreendedorismo (as respostas às questões mencionadas) e a confiança nas diferentes instituições.

Destaca-se, na tabela 5, que a preferência por ter um negócio próprio (questão xvii) apresentou correlação com a confiança com seis instituições, confirmando a hipótese do trabalho. As instituições foram: religiosas, Judiciário, sindicatos, governo federal, governo estadual e universidades públicas. Com os governos, entretanto, elas foram negativas. Nenhuma correlação foi forte. Nas questões quanto ao tipo de emprego – supondo que fossem empregados –, também houve confirmação da hipótese do trabalho, pois a resposta que admitia algum grau de empreendedorismo (vii) mostrou-se correlacionada positivamente às respostas para confiança no Judiciário, nos sindicatos, nos serviços públicos e nas organizações de luta pela terra. Mas, dessas quatro, apenas com a última a correlação foi forte. Foi negativamente correlacionada à confiança na polícia, contrariamente à hipótese do trabalho.

Nota-se na tabela 5 que, quanto à alternativa de emprego com a qual o não empreendedor mais se identificaria (vi), apresentou correlação negativa com confiança em Forças Armadas, imprensa, empresa privada (confirmando a hipótese, se vista pelo lado da não confiança, não empreendedor) e positiva com governo federal e Congresso Nacional. A alternativa de emprego com a qual o empreendedor mais se identificaria (x) apresentou correlação negativa com o grau de confiança nas Forças Armadas, na imprensa, nos serviços públicos e na empresa privada. Este último resultado, visto apenas isoladamente, contraria a hipótese do estudo.

Um destaque na tabela 5 é que as mais confiáveis dentre as instituições analisadas (universidade pública e institutos de pesquisa) foram correlacionadas significativamente apenas com uma única resposta cada uma delas. Não houve correlação forte, mas, juntamente com outros resultados apresentados, ajudam a corroborar a hipótese. Com relação aos tipos de emprego que preferem (questões i a v), os resultados não são conclusivos.

Tabela 5 - Coeficientes de Correlação entre Confiança nas Instituições e Características Empreendedoras, EDR de Marília, Estado de São Paulo, 2010

Instituições	Questões – características empreendedoras							
	(i)	(iii)	(iv)	(v)	(vi)	(vii)	(x)	(xi)
Religiosas	-0,216	0,004	-0,284 ¹	0,085	-0,069	0,233	-0,263	0,129
Forças Armadas	0,039	-0,153	0,039	-0,003	-0,354 ¹	0,179	-0,389 ¹	-0,018
Judiciário	-0,175	-0,291 ¹	0	-0,038	-0,056	0,292 ¹	0,04	-0,292 ¹
Imprensa	-0,05	-0,138	-0,164	0,141	-0,362 ¹	-0,099	-0,286 ¹	0,116
Televisão	-0,306 ¹	0,042	-0,295	-0,203	0,217	0,12	-0,244	0,287 ¹
Sindicatos	-0,196	-0,199	-0,171	-0,059	-0,045	0,437 ¹	-0,145	-0,151
Polícia	-0,185	-0,117	-0,153	-0,099	0,216	-0,301 ¹	0,192	-0,113
Gov. federal	0,054	-0,136	-0,135	-0,203	0,3 ¹	-0,107	-0,029	-0,111
Gov. estadual	0,132	-0,305 ¹	0,001	-0,242	0,25	-0,11	0,082	0,039
Gov. municipal.	-0,094	0,099	0,299 ¹	0,184	0,17	-0,061	-0,033	0,262
Partidos políticos	0,006	-0,04	0,179	0,257	0,274	-0,026	-0,01	0,023
Congresso Nacional	-0,12	0,005	-0,18	0,189	0,366 ¹	-0,04	-0,183	-0,037
Serviços públicos	0,041	-0,033	0,195	-0,215	-0,062	0,302 ¹	-0,31 ¹	-0,096
Empresa privadas	0,065	-0,122	-0,213	0,002	-0,483 ¹	0,046	-0,308 ¹	0,079
Org. ecológicas	-0,236	-0,09	-0,316 ¹	-0,194	0,039	0,058	0,003	-0,438 ¹
Org. luta pela terra	-0,27	0,107	-0,198	-0,054	0,199	0,517 ¹	0,066	-0,148
Inst. pesquisa	-0,096	-0,229	-0,22	-0,348 ¹	-0,024	0,243	-0,202	0,003
Univers. públicas	-0,075	-0,222	-0,172	-0,243	-0,262	0,176	-0,161	0,235
Univers. privadas	-0,15	-0,313 ¹	-0,009	0,03	-0,045	0,074	0,176	0,159
Extensão rural	-0,153	-0,143	-0,389 ¹	-0,044	-0,008	0,208	-0,149	-0,03
Afruvec	0,073	-0,178	0,128	0,022	-0,191	-0,197	0,103	0,157

Instituições	Questões – características empreendedoras						
	(xiii)	(xiv)	(xv)	(xvi)	(xvii)	(xix)	(xx)
Religiosas	-0,093	-0,042	0,063	0,058	0,335 ¹	0,142	-0,271 ¹
Forças Armadas	-0,051	-0,099	0,067	-0,133	0,224	0,121	-0,136
Judiciário	0,082	0,175	-0,105	0,115	0,351 ¹	-0,064	-0,188
Imprensa	-0,169	-0,426 ¹	-0,098	-0,159	0,167	0,034	-0,166
Televisão	-0,066	-0,074	0,076	0,172	0,193	0,187	-0,232
Sindicatos	0,121	0,152	-0,128	0,204	0,293 ¹	-0,052	-0,206
Polícia	-0,116	-0,328 ¹	0,009	-0,235	-0,248	0,163	-0,047
Gov. federal	0,177	-0,015	-0,018	0,134	-0,321 ¹	0,001	0,043
Gov. estadual	0,173	-0,161	-0,051	0,05	-0,373 ¹	-0,078	0,053
Gov. municipal.	0,193	-0,103	-0,148	0,056	-0,182	0,039	0,143
Partidos pol.	0,169	0,028	-0,151	0,312 ¹	-0,094	-0,255	0,193
Congresso Nacional	0,086	-0,137	-0,112	0,233	-0,154	-0,117	0,104
Serviços públicos	-0,183	0,017	0,099	0,089	0,238	0,139	-0,085
Empresa privadas	-0,501 ¹	-0,369 ¹	-0,011	-0,514 ¹	0,206	-0,08	-0,321 ¹
Org. ecológicas	0,003	-0,187	0,002	-0,098	0,036	0,348 ¹	-0,283 ¹
Org. luta pela terra	0,069	0,096	-0,079	0,286 ¹	0,18	0,237	-0,133
Inst. pesquisa	-0,188	-0,15	0,001	-0,074	0,134	0,259	-0,253
Univers. Públicas	-0,108	-0,128	0,031	-0,08	0,298 ¹	0,092	-0,155
Univers. privadas	-0,205	-0,213	-0,301 ¹	0,042	-0,037	-0,169	-0,187
Extensão rural	-0,053	-0,035	0,057	0,105	0,221	0,049	-0,23
Afruvec	0,391(*)	0,263	0,14	0,129	0,111	-0,181	0,291(*)

Fonte: Dados da pesquisa.

O resultado mais intrigante, na tabela 5, aparentemente, é que todas as correlações significativas entre a confiança na empresa privada e as respostas indicadoras de empreendedorismo foram negativas (seis no total). Uma dessas correlações, entretanto, é para a resposta referente ao perfil não empreendedor (as respostas para a questão de emprego sem questionamento) e esta está de acordo com o esperado.

Outra correlação significativa, na tabela 5, refere-se a um perfil mediantemente empreendedor (ser empregado em empresa privada). A explicação, talvez, resida no fato de serem produtores que se associaram buscando, de certa forma, fugir da atuação predatória de comerciantes (“atravessadores”) e, em menor grau, dos vendedores de insumos. Há conhecido histórico de “calote” por parte de intermediários que atuam no setor.

Foi significativa (a 1,7 %) e moderada a correlação entre confiança na Afruvec e a resposta para a questão sobre a responsabilidade pelo próprio sustento (questão xiii). Fraca, porém, significativa a 7,7 %, foi a correlação entre a confiança na Afruvec e a resposta para valorização do trabalho (questão xx). Do histórico da associação, entende-se que, apesar de empreendedores (e o foram a ponto de organizar a associação), não tinham mais confiança na organização. Logo, as outras questões sobre empreendedorismo não apresentaram correlação significativa com a confiança na associação. Pode indicar que tenha ocorrido perda de confiança, porque, inicialmente, confiaram a ponto de promoverem a fundação da Afruvec.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, de caráter exploratório, alinha-se com as tentativas mais recentes de análises empíricas focadas na relação entre confiança e o perfil de empreendedor. Para Putnam, a confiança é um dos constituintes do capital social, mas trabalhos posteriores sugerem que a confiança social seja uma resultante da participação cívica e em redes sociais. Diante dos resultados apresentados, o presente estudo concluiu: 1) com relação à confiança, que a organização

rural analisada estava inserida em um ambiente de baixa confiança social; 2) com relação às características empreendedoras, o trabalho apontou fortes indícios da presença de empreendedorismo (com destaque para valorização do trabalho, locus de controle interno, e propensão à assumir risco); e 3) a hipótese de que os empreendedores têm confiança institucional foi corroborada pela correlação positiva entre o valor que atribuem a ter um negócio próprio e a confiança em instituições religiosas, Forças Armadas, sindicatos e universidades públicas. Por outro lado, respostas que os colocam na condição de empregados apenas sugerem que os respondentes com perfil não empreendedor não confiam nas instituições. Para maior consistência, é fundamental avaliar maior número de organizações.

LITERATURA CITADA

- ALTINAY, L. et al. The influence of family tradition and psychological traits on entrepreneurial intention. *International Journal of Hospitality Management*, Amsterdã, v. 31, n. 2, p. 489-499, jun. 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0278431911001162?via%3Dihub>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- CALIENDO, M.; FOSSEN, F.; KRITIKOS, A. Trust, positive reciprocity, and negative reciprocity: do these traits impact entrepreneurial dynamics?. *Journal of Economic Psychology*, Amsterdã, v. 33, n. 2, p. 394-409, abr. 2012.
- COHEN, J. *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. 2 ed. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1988. 596 p.
- COLEMAN, J. S. Social capital. In: COLEMAN, J. S. *Foundations of social theory*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1990. cap. 12, p. 300-321.
- COOPER, A. C.; DUNKELBERG, W. C. Entrepreneurship and paths to business ownership. *Strategic Management Journal*, Hoboken, v. 7, n. 1, p. 53-68, jan./fev. 1986.
- CRANT, J. M. The proactive personality scale as a predictor of entrepreneurial intentions. *Journal of Small Business Management*, Hoboken, v. 34, n. 3, p. 42-49, jul. 1996.
- GARTNER, W. B. “Who is an entrepreneur?” is the wrong question. *American Journal of Small Business*, Baltimore, v. 12, n. 4, p. 11-32, abr. 1988.

- HODGE, D. R.; GILLESPIE, D. Phrase completions: an alternative to Likert scales. **Social Work Research**, Oxford, v. 27, n. 1, p. 45-55, mar. 2003.
- KNACK, S.; KEEFER, P. Does social capital have an economic payoff? A cross-country investigation. **The Quarterly Journal of Economics**, Cambridge, v. 112, n. 4, p. 1251-1288, nov. 1997.
- LI, Y.; PICKLES, A.; SAVAGE, M. **Conceptualizing and measuring social capital**: a new approach. Manchester: Centre for Census and Survey Research: Department of Sociology: Manchester University, 2003. 29 p. (Paper for BHPS, 3-5 July 2003). Disponível em: <http://citeserx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.572.4386&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 29 set. 2016.
- MACIEL, C. O.; CAMARGO, C. Locus de controle, comportamento empreendedor e desempenho de pequenas empresas. **Revista de Administração Machenzie**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 168-188, mar./abr. 2010. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/4206/locus-de-controle-comportamento-empreendedor-e--->. Acesso em: 10 ago. 2018.
- MINITAB INC. **User's guide**. Minitab Release 13 for Windows. State College: Minitab Inc., 2000. v. 2. 976 p.
- PUTNAM, R. D. **Making democracy work**: civic traditions in modern Italy. Princeton: Princeton University Press, 1993. 258 p.
- SABATINI, F. Social capital as social networks: a new framework for measurement and an empirical analysis of its determinants and consequences. **Journal of Socio-Economics**, Amsterdã, v. 38, n. 3, p. 429-442, jun. 2009.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 239 p.
- SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, Briarcliff Manor, v. 25, n. 1, p. 217-226, jan. 2000.
- SOUZA, N. J. **Desenvolvimento econômico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 313 p.
- USACI, D. Predictors of professional entrepreneurial intention and behavior in the educational field. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, Amsterdã, v. 187, p. 178-183, maio 2015.
- VECCHIO, R. P. Entrepreneurship and leadership: common trends and common threads. **Human Resource Management Review**, Amsterdã, v. 13, n. 2, p. 303-327, 2003.
- VIINIKAINEN, J. et al. Born entrepreneurs? Adolescents' personality characteristics and entrepreneurship in adulthood. **Journal of Business Venturing Insights**, Amsterdã, v. 8, p. 9-12, nov. 2017.
- VIJAYA, V.; KAMALANABHAN, T. J. A scale to assess entrepreneurial motivation. **The Journal of Entrepreneurship**, Londres, v. 7, n. 2, p. 183-198, set. 1998.